

Como melhorar a qualidade "made in Brazil"

23. Maio 1989

Econ - Brasil

GAZETA MERCANTIL

Apesar do muito que já se escreveu no Brasil sobre a necessidade urgente de melhorarmos a qualidade de nossos produtos, ainda não estabelecemos um plano macro estratégico para atingirmos esse objetivo.

Não bastam ações isoladas de empresas, cujo sucesso nos mercados internacionais poderia ser maior se tivessem o apoio de todo o sistema produtivo brasileiro.

É evidente que, sem um plano coordenando esforços de maneira permanente, continuaremos a participar da maioria dos mercados internacionais como fornecedores marginais, sem grande poder de competição.

A base da alta qualidade está numa postura bem simples, ou seja, "fazer certo da primeira vez". Com isso, evitam-se as perdas no processo produtivo, os desperdícios e os refugos de produtos não aprovados na inspeção final. Essa inspeção torna-se desnecessária quando, em cada etapa da produção, já se faz o trabalho de forma correta.

Nosso planejamento deve assentar-se numa ação conjunta entre o governo e o setor privado. A esfera

governamental cabe: a) revisar e implantar normas técnicas; b) investir na criação de centros de controle técnico dotados de laboratórios e equipamentos adequados à conferência da qualidade com as normas técnicas aprovadas; e c) incentivar o setor privado a investir nos sistemas de controle da qualidade de seus produtos, incluindo laboratórios, tecnologia e treinamento da mão-de-obra.

O retorno dos investimentos neste "Plano de Ação pela Qualidade" seria, sem dúvida, fantástico, bastando atentar para as cifras estimadas de perdas por má qualidade: 16,1% do total de matérias-primas como refugos na produção por má qualidade; 28% do total de matérias-primas por retrabalho (Exame nº 4, Ano 20 — 24.02.88). As economias resultantes da redução financiariam com sobras os programas de melhoria da qualidade. Além disso, teremos aumento de empregos, desenvolvimento tecnológico e melhoria geral da qualidade de vida de nosso povo. A nobreza de tais objetivos, por si só, justifica os investimentos, sem contar os excepcionais retornos financeiros.

Associados à melhoria da

qualidade, teremos o aumento de nossa produtividade e a melhoria na distribuição da renda.

Consideramos inócua qualquer tentativa para copiar métodos administrativos utilizados por povo cujas culturas diferem da nossa. Por outro lado, estamos convencidos da viabilidade de despertarmos a consciência de nossa gente, através de programas participativos, onde quem produz com qualidade é valorizado. Os trabalhadores perceberão sua condição de consumidores de seu próprio produto, contribuindo para o crescimento do mercado interno.

O reconhecimento dessas verdades pela sociedade brasileira — especialmente as elites econômicas e a classe política, constitui-se no mais firme alicerce para nos prepararmos para os desafios da derradeira década do século XX e para iniciarmos o século XXI com força renovada.

A grande capacidade de produção com qualidade de pequenas nações asiáticas em comparação com a nossa deveria ser motivação suficiente para percebermos que temos todas as condições para muito depressa nos tornarmos uma nação que ofereça melhores condições de vida ao seu povo.

Um exemplo dessa comparação seria o confronto do Produto Nacional Bruto e da população de Taiwan, Cingapura, Hong Cong e Coreia do Sul, somados, com idênticos dados do Brasil. Constataremos que seu PNB somado atinge US\$ 280 bilhões para uma população total de 71 milhões de habitantes, o que dá a renda per capita de US\$ 3.944, ante a média estimada de US\$ 2 mil no Brasil. Se considerarmos ainda que cerca de 40% de nossa produção se concentra no Estado de São Paulo, cuja população é estimada em 31 milhões (renda per capita de US\$ 3.251), a média da renda per capita do País, excluindo São Paulo, reduz-se a US\$ 1.644, inferior à da Malásia.

Para invertermos essas posições desalentadoras, precisamos agir com racionalidade, eficiência e persistência. Poucas nações do mundo têm tão boas condições como o Brasil para progredir. Recursos naturais, extensão territorial, costa atlântica de 6 mil quilômetros, climas variados e favoráveis colocam-nos em posição especial.

É interessante também notar que, tanto no setor governamental quanto no setor privado, já dispomos de vários institutos, asso-

ciações e outras organizações voltadas para estudos e pesquisas, faltando apenas a coordenação para que o plano de ação seja concretizado.

No campo privado, temos centenas de empresas desenvolvendo e aplicando métodos modernos no aumento da qualidade, tais como CCQ, CEP, TCQ, Defeito Zero e outros ferramentais com a mesma finalidade.

O maior problema, em nossa opinião, será a mudança comportamental das pessoas. Precisamos abandonar os "jeitinhos malandros" os "quebra-galhos", a "lei de Gerson". Essa mudança no comportamento só será possível com um movimento educacional em larga escala, que buscará realimentação nos bons resultados econômicos, evidenciados pela criação de novos empregos, maior volume de negócios, melhor distribuição da renda, aumento da arrecadação de impostos sem aumento de alíquotas e talvez até reduzindo-as, e criando um orgulho nacional para com os produtos de qualidade "made in Brazil".

(*) Economista, diretor da Açotécnica S.A. e professor de Finanças em Pós-Graduação na ESPM.